

# ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

## JANO E A (ON)FORMAÇÃO: TEMPO E LUGAR DE UMA FORMAÇÃO INTERATIVA

*Janus and the (on)formation: time and place of an interactive formation*

Maurício Rocha Cruz\*

\*Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Prof. do Curso de Pedagogia Bilingüe – LIBRAS-Português (INES/ISBE). Pesquisa em andamento: Sinalizando a Educação.

E-mail: mauricio@sinalizando.net

Material recebido em setembro de 2008 e selecionado em outubro de 2008.

### RESUMO

Num primeiro momento, o leitor é convidado a conhecer Jano para dele extrair seu olhar mais adiante. Em seguida, denunciaremos que o virtual tem sido tratado como algo ilusório, falso, em oposição ao real, dificultando que sua força provoque os efeitos que desejamos. Precisamos fazer esse caminho para que seja inteligível nossa proposta para com a “ocupação”, a “apropriação” e a “distribuição”. Alegamos também que ambientes interativos virtuais podem ser utilizados com fins formativos. Nesse caso, trazemos a proposta da (on)formação devidamente entranhada na separação entre tempo e lugar, provocada pela modernidade. Com a ajuda de Pierre Lévy (1999), Giddens (1991), Giroux (2003) e Bey (2001), esperamos propor uma linha de reflexão pouco explorada e, por isso, tão perigosa e subversiva quanto têm sido caracterizados os frutos (às vezes, vírus) da cibercultura. Não nos deixamos guiar pelo olhar descontextualizado de Jano, mas com ele nos aventuramos, num lugar qualquer entre o passado e o futuro, bem próximo ao presente,

mas guiados pela força *virtus*, factível de se exercer aqui e agora.

**Palavras-Chave:** (On)Formação. Ambiente interativo. Formação de professores.

### ABSTRACT

*At first, the reader is invited to get to know Janus so that he can, further on, seize his look. Then, we denounce that the virtual has been seen as something delusive, false, in opposition to the real, making it difficult for its strength to produce the intended effects. We need to go this way so that our proposition for the “occupation”, the “appropriation”, and the “distribution” may become intelligible. We also argue that virtual interactive environments can be used with formative intentions. In this case, we bring the proposition of the (on) formation duly thrust in the separation between time and space, provoked by modernity. With the help of Pierre Lévy (1999), Giddens (1991), Giroux (2003) and Bey (2001), we hope to propose a line of reflection which has been little explored and, thus, considered as dangerous and subversive as the results (sometimes viruses) of cyberculture.*

*We will not be guided by the Janus decontextualised look, but we will join him and venture out somewhere between past and future, very near the present, yet guided by the *virtus* strength, exercisable here and now.*

**Keywords:** *O(n) formation. Interactive environment. Teachers' formation.*

### JANO PATULCIUS (“AQUELE QUE ABRE”)

Como em boa parte da mitologia, também não há definições precisas sobre o deus Jano. Grego ou oriundo da Ásia menor, Jano teve seu reinado em Lácio e teria abrigado Saturno quando este fora expulso do céu por Júpiter. Antes de partir, Saturno, agradecido, confere a Jano o poder de ver o passado e o futuro. Jano também poderia ter vivido em ambos os espaços de tempo, e seu retorno ao passado logo gerou murmúrios de que era capaz de prever o futuro. Nesse caso, Jano teria presenciado o futuro (talvez momentâneo, talvez suficiente) e o capturado apenas na lembrança. Seja confiando em uma ou outra suposição, nosso deus recebeu dos romanos o epíteto de Jano

Patulcius ou “aquele que abre”.

Por volta de 700 a.C., Pompílio observa a necessidade de corrigir o calendário romano e acrescenta dois meses: *januarius* e *ferbruarius*. A homenagem a Jano o posiciona como preceptor de um novo ano, de um novo ciclo. A imagem de Jano é sempre representada com duas faces: uma voltada para o futuro e outra para o passado; entre aquilo que fica e aquilo que vem (qualquer que seja a direção). Jano é um abre-alas, vidente descontextualizado (vê o futuro com olhos treinados no passado), porém expoente de um renovar (quantas rosas vão ao mar e quantos deuses são louvados próximo à sua chegada!). Tanto na lavoura quanto, agora, nas tecnologias, Jano é reverenciado, sua proximidade evoca diversos sentidos e ecoa em boa parte de nós com força e propósitos ora renovados ora, de fato, inovadores.

Não sabemos o que encontrar após adentrar pela porta aberta: os templos de Jano só ficavam com as portas abertas durante a guerra. Deus acolhedor? Lugar dos enfermos e/ou dos despossuídos? Não se trata disso (até porque também foi convocado como deus da guerra), o nosso calendário aponta sua chegada a cada período. O olhar de Jano não responde nossas dúvidas porque se reserva o direito de não anunciar. Jano faz bem, seu olhar não rouba de quem o vê a possibilidade de imaginar o seu próprio futuro (não denuncia um futuro sombrio, assim como não apresenta sinais de grande prosperidade). Jano é sóbrio e não dispõe do poder de prever, mas

daquilo que pôde ver em um dado momento e num dado espaço.

Jano aponta uma de suas faces para o futuro sem deslocar-se mais que cento e oitenta graus do passado. O nome Jano teria sido associado ao verbo “ir”, da mesma forma que as ruelas públicas em Roma eram chamados de “jani”. Inspirados em Jano, vamos “indo”, no rastro do público, pulando obstáculos em busca do futuro, mas observando o impacto das tecnologias na educação.

Apresentados a Jano, podemos agora anunciar nosso objetivo geral com este texto. Três temas devem ser tratados sob a luz de espaços interativos virtuais: ocupação, apropriação e distribuição. Devemos libertar esses temas de suas amarras, seja assumindo sua inevitável presença e sua inconfundível capacidade de circulação de dados, de construção compartilhada do conhecimento, de sua mutação incontrolável e de sua poderosa manifestação contra os métodos tradicionais da educação escolar. Propomos o conceito de (*on*) formação para designar possibilidades formativas interligadas aos espaços virtuais, assim como a desdobramos de uma formulação mais ampliada dos recursos proporcionados pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), em especial aquelas proporcionadas pelo uso da *Internet*. Investimos numa instável maneira de proporcionar experiências formativas, desvinculadas dos propósitos colonizados curricularmente. Jano é mais que nossa metáfora inspiradora: ele reúne um conjunto de percepções mitológicas que nos

denuncia a atividade humana para com suas possíveis realizações; e nos convida a um olhar adiante. Terminamos este texto antes que as portas dos templos de Jano se fechem, mas a tempo de anunciar o que vimos, a tempo de comunicar.

Convidamos alguns autores para nos auxiliar nesta tarefa. De Pierre Lèvy (1999) nos apropriamos de seus argumentos para com ele pensar o desenvolvimento e a abrangência dos recursos disponibilizados pela comunicação na rede mundial de computadores. De Giddens (1991), conseguimos elementos que demarcam a separação entre tempo e espaço e suas influências na vida contemporânea. Giroux (2003) faz alusão ao professor como intelectual público e como leitor interventor da história que nos atravessa. Por fim, Bey (2001) nos apresenta a zona autônoma temporária e nos orienta para possíveis manifestações não-dirigidas, descolonizadas e possivelmente não-comprometidas.

## OCUPAR O ESPAÇO

As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) têm reconfigurado as possibilidades de formação nesta sociedade. O desenvolvimento da *internet*, acompanhado da relativa baixa dos preços dos computadores, tem propiciado o surgimento de inúmeros portais interativos que se dispõem a discutir a cultura livre<sup>1</sup> como pressuposto da inserção real e significativa do internauta. A *internet* age sobre a sociedade provocando o

<sup>1</sup> Este conceito abarca, nos dias de hoje, discussões sobre autorias, difusão e expansão dos recursos livres (e aqueles que podem se tornar), pervertendo os caminhos, na maioria das vezes comerciais, pelos quais o conhecimento é divulgado literariamente.

# ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO



rompimento entre tempo e lugar. Permite que informações sejam compartilhadas pelos usuários num fluxo dinâmico que não obedece a barreiras regionais e culturais. Se, por um lado, a *internet* pode promover a desterritorialização dos usuários, retirando-os de seu *habitat* limitado e, por isso, seguro, por outro lado, esta mesma desterritorialização saúda o encontro de diferentes e promove uma nova forma de se habitemos espaços virtuais (o espaço virtual é habitado na lógica que lhe é própria, a virtual). O correio eletrônico, os *blogs*, *fotoblogs*, *sites* pessoais etc. são endereços ocupados por habitantes<sup>2</sup> virtuais.

O ambiente interativo permite ao usuário transitar entre as informações disponíveis, postar suas próprias produções, além de outras possibilidades comunicacionais pelas quais se torna atuante no processo de construção compartilhada do conhecimento. Assim, a interação virtual é apresentada como uma possibilidade formativa complementar, por meio da qual o usuário interage com o ambiente pode informar-se sobre conteúdos previamente selecionados e modificá-los, na medida em que apresenta suas próprias investigações/opiniões e submete suas produções e reflexões ao ambiente interativo. É nesse sentido que denominamos ambiente interativo como o local de hospedagem na *internet* que apresenta um conjunto de ferramentas capazes de permitir ao usuário intervir perante

**O ambiente interativo permite ao usuário transitar entre as informações disponíveis, postar suas próprias produções, além de outras possibilidades comunicacionais pelas quais se torna atuante no processo de construção compartilhada do conhecimento.**

o conteúdo, produzir e postar suas contribuições e manter-se em contato instantâneo com outros usuários.

É preciso entender esse ambiente interativo como campo virtual, em que o espaço e o tempo são reconfigurados. Não é difícil derivar a palavra virtual de sua origem etimológica *virtus*: força, potência, suscetível de se exercer ou realizar. No entanto, esta palavra tem recebido duras interpretações, que a contrapõem ao real. Assim, o campo do virtual tem sido rechaçado em nome de uma postura frente ao real, ao campo físico e esquadrihado da ação<sup>3</sup>. Mas, segundo Lèvy, essa compreensão está equivocada:

o virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata. (1996, p. 08)

A virtualização da vida moderna tem permitido uma relação diferen-

ciada com o conhecimento e com a informação. A descentralização e a descolonização dos saberes, antes alocados em instituições (por vezes, sobre o domínio de algumas profissões), pode se realizar numa nova forma de se aprender e de se comunicar – a virtual. Essa possibilidade, tratada muitas vezes como auxiliar (e relegada ao plano da consulta), confere, tanto ao profissional quanto ao estudante, novas formas de se relacionar com o conhecimento, de pesquisar, de contribuir, e principalmente de compartilhar. Essas formas participativas e estimuladoras podem permitir aos seus usuários (professores e alunos também) metodologias e cronologias abertas e dispostas a romper com o encadeamento retilíneo com que o conteúdo curricular às vezes é tratado nas escolas brasileiras.

Giddens (1991) nos adverte que a separação entre espaço e tempo é uma característica da modernidade e que o local passa a ser influenciado de múltiplas formas pelas informações circulantes.

<sup>2</sup> É preciso esclarecer que só podemos pensar em habitantes do ciberespaço quando esse lugar é de fato ocupado com certa frequência; do contrário, devemos considerá-los como usuários. No entanto, ainda é preciso esclarecer que determinados usuários podem ser confundidos com habitantes porque utilizam a *internet* para consumir compulsivamente, tornando isso um hábito – o que nos faz destacar que a diferença entre habitante do ciberespaço e usuário não pode se resumir ao uso comercial ou profissional desse espaço.

<sup>3</sup> Ver também Pelanda e Junior (2005).

O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza. (p. 22)

A separação entre tempo e espaço na concepção de Giddens nos permite pensar que o tempo/instrumento de formação pode ser expandido pelo uso crítico de um ambiente *on line* e que o espaço que limita ações institucionais pode ser transgredido numa nova cronologia a ser executada segundo a ordenação, a intensidade e o ritmo que o indivíduo confere na utilização de seu espaço. “Além do mais, o rompimento entre tempo e espaço fornece uma base para sua recombinação em relação à atividade social” (GIDDENS, 1991, p. 23), e educacional, completariamos. Pensar um ambiente interativo que perverta o lugar do tempo e do espaço na formação de professores é permitir à escola romper com antigos hábitos. É pensar a educação em termos de contemporaneidade, desmistificando o passado e reinterpretando o presente.

Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: as características virtualizante e desterritorializante do ciberespaço fazem dele o vetor de um universo aberto. Simetricamente, a extensão de um novo espaço universal dilata o campo de ação dos processos de virtualização. (LÉVY, 1999, p. 49-50)

As características até aqui anunciadas fazem da virtualização um instrumento hábil e possível de ser contemplado por processos de formação e de circulação do conhecimento, algo que se almeja em muitos cursos, principalmente os voltados à formação de professores. No entanto, a resistência a esses mecanismos diz respeito não só à dificuldade de se acompanharem as transformações tecnológicas, mas, sobretudo, a uma dinâmica menos centralizadora e mais distributiva da organização desses conhecimentos.

Retornamos a Lèvy e percebemos com ele que a comunicação entre pessoas é intensificada através de elos na rede (oriundos de comunidades temáticas, de *blogs* pessoais, de troca de dados etc.) que não se restringem aos limites de uma sala, a um bom professor e a algumas cadeiras, além do uso, de vez em quando, de recursos mais avançados. Os métodos presenciais são sempre menos caóticos que as capacidades de transferência de dados, dúvidas, opiniões e sugestões que, por exemplo, piscam na tela de um docente em atividade de orientação de estudo pela *internet*. Mas por que pensar em caos, quando poderíamos falar de riqueza de dados, imagens, documentos e uma série de registros (alguns dos quais não confiáveis, é claro)? Falamos em caos porque essa apoteose de dados ultrapassa, em poucas horas, aquelas tantas informações que os cursos superiores exigem de seus alunos em forma de fichamento, resumo, relatório etc. De fato, ainda não aprendemos a utilizar essa riqueza de dados a nosso favor; relutamos, insistimos em práticas bem mais organizadas, sistematizadas, embasadas em parâmetros e em metodologias específicas. Tudo isso

constitui um grande desafio, com o qual estamos comprometidos, mas sobre o qual humildemente oferecemos nossa opinião ao invés de respostas. Olhamos para o futuro como Jano, mas estamos no mesmo lugar, sempre atrasados em relação ao relógio do futuro. Reconhecer progressos e assumi-los em nossa prática educativa é tirar proveito deste olhar para frente, daquilo que acontece mais à frente (ali onde não estamos, mas daqui onde o narramos).

Não dá para permanecer muito tempo se esquivando da natureza subversiva da *internet*. Nossos alunos gravam nossas aulas e depois levam poucos minutos para cruzar o que dissemos com outras informações. O sentido do ensino passa a ser questionado por formas diversificadas de se alcançarem determinados conhecimentos. Infelizmente, somos muito severos com as novas tecnologias e, até, nos sentimos traídos pela vulgaridade com que a *internet* oferece a resposta que queríamos que os alunos obtivessem após terem lido durante duas horas e fichado durante quatro.

Não há por que evocar depoimentos que valorizem o hábito da leitura e a organização dos dados lidos (isso é importante, sim, e inevitável; não vamos negar uma coisa para afirmar outra). Trata-se de uma questão de ocupação, de aprender a usar, como se aprende a dirigir, a usar o celular, o caixa-eletrônico etc., ocupando, marcando presença e dando importância ao que nos desafia (em vez de recriminar). Ocupar os espaços de onde nossos alunos conseguem aquelas informações que imaginávamos conseguir em bibliotecas e depois de horas de pesquisa. Ocupar espaços geradores de conhecimento

# ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO



que nem sempre estão preocupados com o conhecimento organizado, mas com novos sentidos e novas formas de interagir (imaginamos não haver mais objeção quanto ao fato de que aprendemos em quase todos os momentos de nossa vida; muito menos não percebemos oposição ao argumento da interação nas práticas de aprendizagem).

Ocupar como forma de interagir, de comunicar, de aprender, de compartilhar. Ocupar é estar presente e intervindo (ao que entendemos) sobre o que nos cerca. A mobilidade é uma característica valorizada na ocupação; os ocupantes devem mover-se e possibilitar movimentos que (re)signifiquem a própria ocupação. Ambientes interativos são caracterizados, entre outras coisas, tanto pela mobilidade quanto pelo encontro (às vezes, desencontro) provocado por essa mobilidade. A mobilidade proporcionado por hipertextos, imagens, vídeos pode ser uma grande estimuladora de uma educação (inter)ativa.

## APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

Vamos primeiro demarcar o que entendemos como apropriação. A apropriação é um ato de incorporação de algo que ainda não é próprio a um indivíduo. Infelizmente, observamos argumentos de ordens diversas (direitos autorais, de imagens etc.) antes que seja constatado que a apropriação que nos interessa não desapropria

ninguém: é o conhecimento. Lévy (1999) nos lembra que o campo do virtual é tido como local de pirataria, de utilização indiscriminada de informações. Por algum motivo, existe um certo mal-estar entre o docente (como representante da norma e de uma outra forma de se ensinar) e a *internet* (como representante da pluralidade de informações que desafia a prática docente). Mas essas questões quase sempre são relegadas ao plano de uma discussão secundária, mesmo que dentro da formação de professores. Utilizaremos dois exemplos de ambientes interativos para falar na perspectiva de apropriação aqui defendida: Canal Interativo Kaxinawá<sup>4</sup> e Ambiente Interativo Sinalizando.net<sup>5</sup>.

Ambos os espaços estão se constituindo na malha disforme e caótica

se consolida na esfera da gratuidade e na defesa do que é público. O Kaxinawá é gerido e administrado com recursos disponíveis na rede mundial de computadores, de forma que qualquer pessoa possa se sentir estimulado a fazer o mesmo.

O Sinalizando.net parte do princípio de uma comunicação dinâmica e preocupada com a formação de professores para atuar na educação de surdos. No entanto, vale-se de ofertar a seus usuários novos significados e elos na rede que lhes permitam, por exemplo, obter e fazer circular informações relevantes ao campo da educação. As possibilidades em trânsito fazem do Sinalizando.net um local na *internet* que confere a seus usuários a possibilidade de intervirem frente a conteúdos postados. Muitas possibilidades são geradas, na medida

**A mobilidade proporcionado por hipertextos, imagens, vídeos pode ser uma grande estimuladora de uma educação (inter)ativa.**

das informações em rede. Como princípios devem propiciar espaços alternativos, espaços de novas singularidades e de novos sentidos formativos. No caso do Canal Interativo Kaxinawá, suas possibilidades híbridas constituem-se através de programação ao vivo, de postagens dinâmicas e interligadas. O Kaxinawá não tem como princípio se preocupar com a quantidade de usuários. Sua estrutura

em que tanto o Kaxinawá quanto o Sinalizando.net se utilizam de ferramentas de comunicação dinâmica e inclusiva (no sentido mais amplo). Com isso, as práticas e rituais das salas de aula são ultrapassados (não necessariamente superados) e promovem em seus usuários possibilidades antes desconsideradas por algumas práticas tradicionais que ainda insistimos em utilizar.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://kaxinawa.110mb.com/web.html>>.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.sinalizando.net>>.

Nos dois casos, percebemos o sentido da apropriação como estando sob a égide de novas e alternativas práticas. A apropriação aqui defendida exige de todos nós disposição a entender, até porque somos professores, o sentido de estar incluído (ora como oposição a exclusão, ora como resistência aos mecanismos que nos excluem).

Antes precisamos lembrar que essa perspectiva de apropriação considera também as dificuldades criadas na rede para que seja garantida a circulação e a comercialização de determinados produtos na *internet*. Laurence Lessig aponta outras possibilidades – a de se propiciarem espaços de circulação midiática, de difusão de conhecimentos e de estratégias de comunicação. Em seu livro, “Cultura livre”, argumenta sobre a natureza constitutiva desse espaço subversivo e desterritorializante. Para combater o campo da ilegalidade, propõe e desenvolve o *Creative Commons*. Essa ferramenta possibilita a circulação de mídias livres, independentes e até institucionais. Ela permite que os produtores e geradores de conteúdos tenham uma ferramenta simples e que possibilite registrarem suas produções de forma que seja reconhecido o mérito autoral. Com essa ferramenta (e ela funciona muito bem!) cai por água abaixo parte das preocupações docentes para com o caos de informação proveniente de espaços virtuais. Tendo autoria e sendo catalogadas, essas produções obedecem ao mesmo princípio de organização de uma biblioteca. Mais que isso, o *Creative Commons* supera, na sua forma de acessar, os princípios de estruturas pouco flexíveis (documentos interconectados nos possibilitam, entre outras coisas, e apenas com um clique, ter acesso a informações

e produções antes relegadas a uma estante dentro de uma biblioteca a quilômetros de distância).

É preciso estender os locais de discussão e troca – por vezes isolados e/ou com restrita comunicação – a um público interessado mais amplo, carente, sobretudo, de meios em que tal comunicação possa efetuar-se sem impasses técnico-burocráticos, o que permitirá a efetiva participação de sujeitos até então impedidos de participar de tais espaços, seja por falta de informações mais organizadas sobre as concretas possibilidades de apropriação das tecnologias de informação e comunicação na educação, seja pelo custo em gerir um ambiente de tal dimensão segundo pacotes ofertados por empresas prestadoras de serviços virtuais. Um ambiente interativo pode estimular e fazer circular comunicações visuais em forma de vídeos e textos, de modo a permitir interferências diversas em tais publicações, como ocorre, por exemplo, na já consolidada forma de comunicação interativa existente na rede mundial de computadores: os *blogs*.

As formas pelas quais os usuários se comunicam através dessa linguagem são facilitadas pelas características visuais de tais recursos (o que nos leva a acreditar numa rápida compreensão desses mecanismos). Portanto, sem recorrer à linguagem técnica, a proposta de utilização das TIC's e de sua apropriação como campo de circulação e construção do saber pode contribuir para uma desterritorialização do conhecimento e sobrepor formas complementares de se gerirem os processos de aprendizagem.

Nesse sentido, a apropriação das novas tecnologias da comunicação e da informação, tanto quanto dos

espaços virtuais, requer um usuário comprometido com a expansão das capacidades de comunicação e das fronteiras desenvolvidas/estabelecidas pelo avanço tecnológico; requer dos professores novas e abertas práticas de acesso à informação. O professor passa a ser um gerador de conteúdo, um pesquisador por excelência, um navegante em busca de mais, um elo entre as partes ao mesmo tempo que um construtor de pontes.

Gioux (2003) aproxima a função docente à de um leitor, ou ainda, a sua conceituação para professores críticos: “intelectuais públicos”. É preciso pensar o campo da formação de professores como área de intensas intervenções epistemológicas que inibem o aparecimento de forças contra-hegemônicas. O intelectual público está comprometido com a forma com que a história é contada. Ele resiste a ser um transmissor e pronuncia-se como um leitor prenhe de recuperação, de incertezas e ciente das relações de poder predominantes, o que pode levá-lo a uma prática mais autônoma e comprometida com os processos de investigação (seja como um inquieto investigador seja como um elo da rede, que conecte o saber docente com o saber circulante).

Formar professores, nesta perspectiva, significaria considerá-los como leitores da memória pública e (re)investi-los de capacidades discursivas de forma que sejam capazes de transformar o não-dito em experiência crível. Significa dar opções e proporcionar ferramentas (entre outras coisas) que possam ofertar redes de informações e de relações (seja considerando a dinamicidade dos processos e agentes sociais, seja pela capacidade comunicativa de ambientes virtuais). A aproximação

# ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO



**O lugar da aprendizagem não é apenas na escola, não é só presencial e muito menos virtual; o lugar da aprendizagem está na experiência, seja ela qual for. Com isso, o tempo da aprendizagem se desloca para um lugar indefinido, em constante construção.**

aqui é meramente especulativa e serve apenas para não esquecermos que tanto a sociedade quanto a *internet* são redes de comunicação que, apesar de suas diferenças, buscam a flexibilidade de uma vida mais dinâmica.

O professor, na perspectiva de Giroux, é um agente social comprometido com o sentido da história: quer renová-la por sua leitura; libertá-la de suas amarras ideológicas. Inquieto e duvidoso, o intelectual público é um agente de transformação, não se rende ao passado como imperativo do presente. Não ler a história que se renova é manter a história que se repete.

## (ON)FORMAÇÃO: POR UMA PROPOSTA DE DISTRIBUIÇÃO

Propomos o conceito de *(on)* formação para denominar o uso formativo e continuado de ferramentas tecnológicas disponíveis na *internet* que permitem/estimulam o desenvolvimento do educando. Esse conceito afasta-se da idéia de educação a distância. A *(on)* formação aceita a separação entre tempo e espaço ocasionada pelo advento da modernidade e vê no campo virtual a silhueta de uma escola (inter)ati-

va. O lugar da aprendizagem não é apenas na escola, não é só presencial e muito menos virtual; o lugar da aprendizagem está na experiência, seja ela qual for. Com isso, o tempo da aprendizagem se desloca para um lugar indefinido, em constante construção. Esse tempo então é re-combinado e pode manifestar-se no momento virtual em que o habitante encontra lugares que lhe permitem experimentar, viver a experiência de ser ativo. É assim, como um lugar de experiência, que o Sinalizando.net deve ser utilizado. Lugar que não é território porque opera em outra dimensão; tempo que não é regulado pelas ciências prontas, mas na história que se renova pela experiência.

A *(on)* formação pode ser encarada também como uma das manifestações pedagógicas de processos educativos que se localizam na esfera formal<sup>6</sup> e não-formal<sup>7</sup>. Sem primazia de um espaço sobre o outro e mesmo sem a classificação de instâncias formativas que subordinam uma estrutura a outra, a *(on)* formação percebe o lugar da virtualização como complementar e exerce a sua força *virtus* nas entrelinhas de uma formação presencial. Mais que isso, a *(on)* formação sugere uma diferente postura de seus usuá-

rios, uma ocupação de espaços com intuitos autoformativos e um uso pouco hierárquico das informações em debate.

Distribuir deve ser uma tarefa própria dos geradores de conteúdo, dos intelectuais públicos, de todos nós. Santos (2007) propõe uma “epistemologia do sul”, uma reorientação das forças que conduzem a reflexão, um descentramento das perspectivas de análises e a valorização de novos saberes. A *(on)* formação requer entender a força que nos condiciona (GIROUX, 2003) e a que se renova pela reorientação das perspectivas de leitura (SANTOS, 2007), potencializando os espaços virtuais (LÉVY, 1999) e os utilizando em prol tanto de uma política de acessibilidade, mas principalmente em prol de sua potência formativa. Significa perceber novos condicionantes que desafiam a prática docente e novos espaços que se marginalizam em fronteira que criamos. Depois de ocupados e apropriados, esses espaços precisam ser utilizados como potenciais formativos. Um bom começo é entender a distribuição como instrumento ampliado de uma cultura que não se esgota no consumo, no poder de compra das mercadorias. Distribuir para descentralizar, para compartilhar

<sup>6</sup> “Formal refere-se a tudo que implica uma forma, isto é, algo inteligível, estruturado, o modo como algo se configura” (LIBÂNEO, 2008, p. 88).

<sup>7</sup> “A educação não-formal, por sua vez, são aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas” (Idem, p. 89).

e para ampliar as possibilidades de leitura, de experiência, de novos espaços formativos.

Vale lembrar que o Brasil tem se posicionado a favor desta política. O *Creative Commons* já tem uma versão brasileira, desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas. Gilberto Gil foi o primeiro a postar conteúdo de áudio através dessa ferramenta de autoria na *internet*. O governo brasileiro aponta para o uso de um sistema operacional gerido por meio de *softwares* livres, rompendo assim com a hegemonia de algumas empresas que fabricam sistemas operacionais. Uma atitude que resulta em significativa economia de despesas públicas, mas que liberta das amarras burocráticas a força resultante do “código aberto”.

A ocupação pela eliminação da desigualdade, a apropriação pela publicidade dos fatos, a distribuição pelo caráter efêmero da vida social: estamos vivendo tempos de novas propostas e, por isso, de novas percepções. A (*on*) formação é tida assim, nesse novo espaço, que se constitui por si próprio, que desafia seus leitores e que desapropria os saberes institucionalizados.

Pensar a (*on*) formação como ambiente de formação continuada interativa é pensar em novos desdobramentos de uma sociedade que avança tecnologicamente, deixando um vácuo entre as possibilidades formativas presenciais e virtuais. Qualquer convocação de uma educação a distância é meramente refutada por esta proposta, que vê nos encontros presenciais manifestações de subjetividades que não são substituídas pelos encontros virtuais. No entanto, cabe à escola se organizar para que seus muros não a isolem das outras formas de se produzirem e divulgarem conhecimentos.

## JANO CLUSIUS ("AQUELE QUE CERRA")

Deixamos de falar de Jano por algumas páginas: fizemos de propósito para que só agora pudéssemos falar de zonas, de locais, de espaços virtuais transitórios. A face de Jano que nos recepciona não é a mesma que nos anuncia a saída, por isso deixamos a descrição da sala ocupada para os ocupantes, da apropriação aos apropriados, e da distribuição pedagogizada pela (*on*) formação aos propósitos acadêmicos. Os templos de Jano são territorializados, mas o vago conceito de tempo deve ser enriquecido pela também vaga experiência que Jano teve com o futuro. Consideradas a imediata territorialização da vida humana, a imprecisão e a especulação sobre o que virá, o que se passa no templo de Jano deveria ser algo extremamente especulativo. Talvez uma zona temporária, de dúvidas e ferimentos de guerras, de batalhas, permeada de discórdia e, ao mesmo tempo, de esperança no futuro. Quem passa pelo templo de Jano não sai o mesmo. Jano é a figura mais descontextualizada e enigmática, mais prepotente e ambiciosa, absurdamente capaz de operar no futuro através do passado. Ferramenta mitológica, desenvoltura da esperança que se renova na promessa ou na especulação, força propulsora de zonas de fronteiras. Fator esse que nos convida a uma rápida leitura de possibilidades formativas em zonas temporárias.

A *Temporary Autonomous Zone* (TAZ) – aqui tratada como Zona Autônoma Temporária – nos é apresentada por Hakim Bey (2001). O autor não conceitua o termo. Fala

sobre zonas de ocupação, zonas transitórias que funcionam em camadas pouco compreensíveis e não detectadas pelos poderes públicos. Bey tem seus propósitos específicos, busca descrever possibilidades e rachaduras estatais para se locomover por elas. Fugimos um pouco da linha anarquista que fundamenta essa proposta por acharmos que estamos transitando pelas percepções, pelas possibilidades e pelas dificuldades pedagógicas geradas nas apropriações aqui sugeridas (Canal Interativo Kaxinawá e Ambiente Interativo Sinalizando.net). Nesse sentido, também ocupamos uma zona temporária, não tão autônoma como imaginamos, mas em constante transição. Estamos abrigados por Jano, no vácuo percurso do tempo que nos forma, ou que nos deforma (se considerarmos os propósitos descolonizantes dessas zonas), e que nos desafia acima de tudo. Jano coabita as moradas de nosso porvir, as TAZ saúdam o inominável espaço da criação, da ocupação e do desaparecimento para surgirem em outro lugar. Não nos arriscamos em associar o trabalho do Ambiente Interativo Sinalizando.net aos propósitos da TAZ; seria demasiadamente irresponsável para um projeto institucionalizado. Por outro lado, a (*on*) formação precisa romper, ainda que institucionalizada, com a colonização dos saberes manifestados, principalmente em zonas permanentes. Ela deve propiciar *links* não relacionados com os princípios que regem a territorialização e a colonização das informações. Na TAZ,

O ataque é feito às estruturas de controle, essencialmente às idéias. As táticas de defesa são a ‘invisibilidade’, que é uma *arte marcial*, e a

# ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO



‘invulnerabilidade’, uma arte ‘oculta’ dentro das artes marciais. A ‘máquina de guerra nômade’ conquista sem ser notada e se move antes do mapa ser retificado. Quanto ao futuro, apenas o autônomo pode *planejar* a autonomia, organizar-se para ela, criá-la. É uma ação conduzida por esforço próprio. O primeiro passo se assemelha a um *satori* – a constatação de que a TAZ começa com um simples ato de percepção. (2001, p. 07)

Bom, *satori* quer dizer um despertar repentino, a percepção por excelência. Ainda que afastando os propósitos pedagógicos da (*on*)formação daquelas características anarquistas enunciadas por Bey nas TAZ, tanto o Xaxinawá quanto o Sinalizando.net pretendem provocar esse despertar, essa evocação dos sentidos para além da hierarquização dos conteúdos, da colonização dos saberes e da falsa inclusão dos marginalizados. É preciso dizer que são forças antagonônicas aquelas que se exercem na TAZ e nos projetos

institucionais, sem que, no entanto, sejamos obrigados a renunciar às possibilidades desterritorializantes dos últimos.

Táticas e técnicas de invisibilidade só são necessárias em tempos de terrorismo político, de ditadura literária. Mas não são poucos os inomináveis que se apresentam virtualmente despido da máscara que vestem socialmente. Seja como for, a garantia do anonimato, e mesmo a possibilidade de codinomes, tem propiciado saberes pouco detectáveis pela maioria das estruturas colegiais (para não ir mais longe).

Vamos assim delineando um campo conflitante e manifestadamente impactante sobre as possibilidades formativas complementares. Outras tantas possibilidades podem ser provocadas por forças pouco mapeadas e por isso ingovernadas. A trilha ou o rastro das forças exercidas sobre a realidade enumeram

as diversas leituras e encarnam, muitas vezes, aquele mesmo horizonte indescritível coberto pelo campo de visão de Jano. Por isso, Giddens nos adverte para o compromisso com a formação de um intelectual público, comprometido com a leitura que faz da sociedade e de suas ferramentas. A (*on*)formação vai se constituindo nesta malha disforme que ora obedece ao fluxo das forças que operam sem governança, ora segundo o ritmo daquelas que se voltam oficialmente a um problema.

Assim, nossos referenciais teóricos estão em comunicação constante com a inclusão de experiências antes desconsideradas, com a crítica que recai sobre a má utilização dos recursos tecnológicos<sup>8</sup> e, principalmente, com a tradução de determinados conhecimentos em um ambiente que perverte os pressupostos de espaço e de tempo convencionais.

## Referências Bibliográficas

- BEY, Hakim. *TAZ: zona autônoma temporária*. São Paulo: Editora Conrad, 2001.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GIROUX, H. A. *Atos impuros: a prática política dos estudos culturais*. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O que é virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LIBÂNEO, C. J. *Pedagogia e pedagogo, para quê?* 10. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
- PELANDA, N.; SCLÜNZEN, E.; JUNIOR, K. (Orgs.). *Inclusão Digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- SANTOS, B. S. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. Tradução de Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

<sup>8</sup> ver Pierre Lévy, 1999.